

A ESTRUTURA FAMILIAL E DOMICILIÁRIA EM VILA RICA NO ALVORECER DO SÉCULO XIX (*)

Iraci del Nero da Costa

Faz-se imperativo, antes de discorrermos sobre o tema em epígrafe, esboçarmos o perfil de Vila Rica como se apresentava no início do século passado. Para tanto servir-nos-emos das crônicas de quatro viajantes europeus: Auguste de Saint-Hilaire, visitou Ouro Preto em dezembro de 1816; John Mawe, ali esteve pelos anos de 1809-10; João Maurício Rugendas, a conheceu nos primeiros anos do segundo quartel do século XIX e, finalmente, W. L. Eschwege — chegou a Minas em 1811, residiu por vários anos em Vila Rica deixando-a, em abril de 1821, a encetar viagem de retorno à Europa (1).

O quadro desta área mineira, ao abrir-se o século XIX, revelava-se desolador. Superada a "febre" do ouro a economia estagnara-se e ocorria franca recessão populacional. Nos arredores de Vila Rica descortinavam-se campos desertos, sem lavouras ou rebanhos. Dos morros, esgaratados até a rocha, havia-se eliminado a vida vegetal; neles restavam montes de cascalhos e casas, a maioria em ruínas.

A pobreza dos habitantes remanescentes, a existência de ruas inteiras quase abandonadas, provocava imediata admiração nos visitantes da urbe. Das duas mil casas, quantidade considerável não estava ocupada, o aluguel mostrava-se cadente; nas transações imobiliárias a queda dos preços alcançou 50%. A população que alcançara como atesta Saint-Hilaire, vinte mil pessoas, reduzira-se a oito milhares; tal

(*) O autor agradece as valiosas sugestões e críticas da Prof.^a Dra.^a Alice Piffer Canabrava.

(1) SAINT-HILAIRE, Auguste de — **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**, Itatiaia e Editora da USP, trad. de Vivaldi Moreira, São Paulo, 1975, (Coleção Reconquista do Brasil — vol. 4), XII + 378 p.

ESCHWEGE, W. L. von — **Pluto Brasiliensis**, Editora Nacional, São Paulo, s/d, il., 2 volumes, (Brasiliana, Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 257 e vol. 257-A), 377 p. e 469 p.

MAWE, John — **Viagens ao Interior do Brasil**, Zélio Valverde, trad. de Solena Benevides Viana, Rio de Janeiro, 1944, il., 347 p.

RUGENDAS, João Maurício — **Viagem Pitoresca Através do Brasil**, Martins e Editora da USP, trad. de Sérgio Milliet, São Paulo, 1972, (Biblioteca Histórica Brasileira), il., 161 p.

quebra no número de habitantes teria sido ainda maior não fosse Vila Rica a capital da capitania, centro administrativo e residência de um regimento.

A acompanhar a decadência geral deteriorava-se, também, a assistência educacional e hospitalar. O Seminário de Mariana, fundado por mineiros ricos para educar seus filhos sem que fosse necessário enviá-los à Europa, não conseguia sobreviver à crise, as terras que a entidade possuía esgotaram-se, os escravos morreram; os mineradores, cuja riqueza minguara, não mais podiam sustentar o educandário. Segundo Saint-Hilaire "era o momento de as autoridades eclesiásticas e civis se reunirem para vir em socorro de um estabelecimento tão útil à província... porém... achou-se mais cômodo fechar o seminário" (2).

O mesmo autor deplorava, ainda, que — numa capital onde despendera-se grande soma de dinheiro na ereção de templos religiosos — o único hospital fosse mantido pela Irmandade da Misericórdia sem contar com apoio governamental (3).

A atividade manufatureira, proibida durante largo espaço de tempo, revelava-se tímida. Existiam na vila e suas proximidades, tão somente, a manufatura de pólvora, pertencente ao governo, e uma fábrica de louça, estabelecida a pequena distância de Vila Rica.

Ao que parece, o comércio e atividades artesanais compunham os elementos de sustentação econômica da urbe. Conforme John Mawe, poucos habitantes, excetuados os logistas, tinham de que se ocupar; as casas comerciais voltadas para a venda dos produtos da área revelavam-se pobres e em pequeno número. Existia quantidade substancial de artesãos: alfaiates, costureiras, sapateiros, latoeiros, seleiros etc.

Por outro lado, a lavoura, atividade a ressurgir, não se desenvolveu em decorrência, ao que parece, do despreparo e mentalidade do colonizador.

Não devemos afastar, aqui, o provável europocentrismo que informava as opiniões dos viajantes estrangeiros no referente às críticas tecidas aos coloniais (4). Segundo os visitantes o desemprego, em Vila Rica, decorria do desprezo dos habitantes pela "bela região que os cerca"; as terras, se devidamente cultivadas, compensariam com generosidade o esforço despendido. Conforme diagnosticaram, a educação, hábitos

(2) SAINT-HILAIRE, Auguste de — *op. cit.*, p. 80.

(3) A situação de penúria deste nosocômio já fora denunciada no começo do último quartel do século XVIII: "Esta casa ao presente é muito pobre por ser pequeno o seu patrimônio, porém, os Exmos. Governadores, a socorreram sempre, concedendo grandes privilégios, a um homem de cada freguesia, para nela pedirem para a Santa Casa, e cada um destes além das esmolas que tirava, concorria da sua parte, com o que podia, só a fim de aparecer com avultada esmola, para lhes serem conservados os seus privilégios. Estes foram abolidos por alguns governadores, e os que lhe sucederam não se lembraram mais de os conceder, em benefício tão Pio, vindo com esta falta a deteriorar-se a Misericórdia, e se acha no estado mais miserável", ROCHA, José Joaquim da — "Memória Histórica da Capitania de Minas Gerais", in *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano II, fascículo 3, Imprensa Oficial de Minas Gerais, Ouro Preto, 1897, p. 445.

(4) Lembremos as palavras de Caio Prado Júnior: "As regiões mineradoras não eram, em conjunto, favoráveis nem à agricultura nem à pecuária. O relevo acidentado, a natureza ingrata do solo se opunham a tais indústrias". PRADO JÚNIOR, Caio — *Formação do Brasil Contemporâneo, Colônia*, Brasiliense, 8.^a edição, São Paulo, 1965, p. 51.

e preconceitos hereditários tornaram os coloniais inaptos para a vida ativa. A perspectiva do enriquecimento súbito, devido ao acaso, operaria no sentido de afrouxar a capacidade produtiva. Por outro lado, mostrar-se-ia generalizada a incapacidade gerencial dos donos de escravos. Segundo John Mawe: "os negros constituem sua principal propriedade e ele os dirige tão mal que os lucros do trabalho deles raramente compensam as despesas de sua manutenção; com o decorrer do tempo tornam-se velhos e incapazes de trabalhar; ainda assim o senhor continua a viver na mesma negligência e na ociosidade [...] Esta degeneração deplorável constitui o traço característico da maior parte dos descendentes dos primeiros colonos; todas as espécies de indústria estão nas mãos ou dos mulatos ou dos negros; estas duas classes de homens parecem exceder em inteligência a seus senhores, porque fazem melhor uso dessa faculdade" (5).

Conforme o autor citado, a área oferecia condições favoráveis a várias culturas: pereira, oliveira, amoreira, vinha, milho e trigo. O gado, por sua vez, se bem tratado e fornido de alimentação adequada, propiciaria o estabelecimento de promissora indústria de laticínios.

Nosso propósito não é apresentar o balanço minucioso das causas da decadência econômica da área mineratória. No entanto, permitimo-nos, como mera conjectura, arrolar os principais condicionantes do aludido recesso. Ao nosso ver o empobrecimento da região em apreço deveu-se a um conjunto de fatores. À exaustão dos depósitos mais ricos de ouro (6) somam-se o meio físico relativamente adverso; inexistência de mercados significativos e boas vias de transporte (7); despreparo no que se refere a técnicas mais sofisticadas para trabalhar o solo, bem como a mentalidade do colonizador que desprezava o trabalho manual e rotineiro, em geral, e a faina agrícola em particular (caso típico dos mineradores).

Neste quadro movimentava-se, ao fim do século XVIII e início da décima nona centúria, a população ouro-pretense da qual analisaremos a estrutura familiar e domiciliária. Para tanto utilizamos os dados empíricos revelados por Herculano Gomes Mathias (8) relativos ao levantamento populacional efetuado em Minas Gerais em 1804; o autor deu a público as listas referentes à área que corresponderia, na atualidade, ao perímetro urbano de Ouro Preto (9). Na obra em pauta observou-se rigorosamente o conteúdo e disposição formal correspondente aos códices que lhe deram origem. O autor restringiu-se a algumas observações qualitativas e a apresentar dados quantitativos genéricos, sem tratamento estatístico minucioso. Rela-

(5) MAWE, John — *op. cit.*, p. 177.

(6) "Se, porém, fizermos observações completas e procedermos com seriedade a pesquisas geológicas acuradas, chegaremos logo à conclusão de que é falsa tal opinião, e que aquelas regiões, tidas como pobres, continuam ainda muito ricas, pois só foi extraído, por ser mais fácil, o ouro da superfície, permanecendo intactos os vieiros e depósitos auríferos principais". ESCHWEGE, W. L. von — *op. cit.*, 2.º volume, p. 242.

(7) "A inexistência de boas estradas constituiu grande empecilho ao povoamento rápido, e, ainda hoje, é uma das razões do quase nenhum progresso das províncias centrais". ESCHWEGE, W. L. von — *op. cit.*, 1.º vol., p. 41.

(8) MATHIAS, Herculano Gomes — *Um Recenseamento na Capitania de Minas Gerais (Vila Rica — 1804)*, Arquivo Nacional, Rio Janeiro, 1969, II., XXXVI mais 209 p.

(9) O material publicado faz parte do acervo de documentos manuscritos de Ouro Preto transferidos, em 1913, para o Rio de Janeiro.

cionou os distritos de Antônio Dias, Ouro Preto, Alto da Cruz, Padre Faria, Cabeças e Morros.

Conforme as normas vigentes na época, efetuou-se o levantamento a nível de residência; apesar das informações variarem de acordo com os responsáveis pelo recenseamento, a nota acrescentada pelo Capitão de Distrito Luís José Maciel — o primeiro a encerrar o arrolamento — dá-nos idéia clara dos dados em foco: “Em cada uma das casas que vai separadamente com duas linhas vai primeiro o cabeça de casal e depois toda a mais família com as idades, pouco mais ou menos que pude alcançar e ofícios, e ocupações que tudo vai declarando nas suas competentes casas. No meu Distrito não há negociantes nem agricultores que façam extrações de gêneros, até as vendas que lá se acham são as chamadas dos gêneros da terra. Os mineiros, e faiscaidores vão anotados nas suas casas aonde aí se vê a escravidão, que cada um possui, suas qualidades e idades. Isto é o que a minha diligência pôde alcançar que pessoalmente andei correndo o Distrito na forma da Ordem” (10).

Como afirmado acima o censo em pauta realizou-se a nível de **Residência**, ou seja: edificação considerada como “unidade física habitacional” por aqueles que elaboraram o levantamento censitário. Em alguns casos, grupos de pessoas ou famílias totalmente independentes —, com referência a laços de sangue, parentesco ou subordinação —, coabitavam. Tal evento parece-nos insignificante se relacionado com o número total de residências: 56 sobre 1.753 ou 3,2% (11). Dez destes casos, por tratar-se de coabitantes sem liames aparentes de parentesco ou subordinação, foram enquadrados — no referente ao estudo domiciliar — na categoria 2.c, abaixo discriminada. Subdividimos as demais 46 residências em domicílios (vide definições subseqüentes) estudados juntamente com as demais residências que se pode, sem restrição, assimilar ao conceito de **Domicílio**, ou seja: conjunto de pessoas coabitantes que mantêm laços de parentesco e/ou subordinação e vivem sob a autoridade do **Chefe de Domicílio** (indivíduo a encabeçar a lista nominativa correspondente ao domicílio e que pode ou não ser chefe de família).

Depois desta fase classificatória passamos a transcrever, em cartões próprios para análise computacional, os dados relativos a cada indivíduo; integramo-los em grupos correspondentes a cada domicílio. Baseados neste arquivo analisamos a estrutura das famílias e domicílios.

Fato lamentável, ao qual reportamo-nos desde logo, refere-se à cor e à condição de “forro”. Conforme pudemos verificar — baseados no confronto entre os dados censitários e os registrados nos códices da Paróquia de Antônio Dias — houve, por parte dos responsáveis pelo levantamento populacional, número imponderável de omissões relativas tanto à cor quanto à situação de “forro”. Destarte, encontramos quantidade substancial de africanos para os quais não se registrou o posicionamento de forros (explicitado nos códices aludidos). Por outro lado, para

(10) MATHIAS, Herculano Gomes — *op. cit.*, p. 202.

(11) Verificou-se, ainda, residências (em número de quatro) habitadas unicamente por escravos; englobamo-las na categoria 2.c, adiante especificada.

os "crioulos" (negros nascidos no Brasil) verificamos faltar tanto este qualificativo quanto o relativo à condição de libertos. Tais eventos impediram as análises correspondentes à cor e aos forrões.

Para o Brasil, o estudo da estrutura familiar vincula-se, necessariamente, àquele relativo aos domicílios, pois, sistematicamente, encontramos várias famílias coabitantes a guardar vínculos de subordinação ou dependência, vale dizer, podiam viver num mesmo domicílio famílias "independentes" (12), de agregados e de escravos. Indubitavelmente tal fato influia na composição das famílias, no seu relacionamento com o corpo social e, ainda, na divisão do trabalho e da renda. Assim, tanto do ponto de vista econômico quanto do social, parece-nos altamente relevante distinguirmos estes três tipos básicos de famílias. Destarte, o estudo da unidade familiar deverá referir-se, sempre, à sua posição relativa no domicílio.

Para efeito deste estudo consideraremos três categorias de família: independentes, de agregados e de escravos. Por **Família** (13) entenderemos o casal (unido ou não perante a Igreja) com seus filhos, caso haja; os solteiros (homem ou mulher) com filhos e os viúvos e viúvas com filhos. Em qualquer dos casos os filhos deverão ser solteiros, sem prole e coabitar com os pais. Por **Chefe de Família** entende-se o "cabeça de casal". Destarte, teremos tantas famílias quantos forem os "cabeças de casal".

Para as famílias independentes, como explicita o quadro abaixo, admitimos três sub-categorias: a) família do chefe de domicílio; b) famílias de filhos do chefe de domicílio; c) famílias de parentes do chefe de domicílio. Como categorias distintas aparecem as dos agregados e escravos. Os viúvos ou viúvas solitários bem como aqueles a viver junto de filho(s) com prole, não constituem, de per si, uma família, e enquadram-se no grupo "Pseudo Famílias" subdividido em três sub-categorias: uma relativa aos viúvos a viver sós, outra referente àqueles que moravam com filho(s) e respectiva prole e a terceira composta de viúvos ou viúvas — agregados ou escravos — que não constituíssem famílias.

Os resultados numéricos (vide Tabela 1) indicam a larga predominância das famílias independentes, em geral, e das de chefes de domicílio, em particular (14). Tais evidências parecem indicar que a família nuclear tendia a estabelecer-se em domicílios próprios, fato que pode, em parte, condicionar-se pela ampla oferta de residências decorrente da decadência da atividade exploratória.

(12) Entendemos por "famílias independentes" aquelas cujos chefes não guardavam qualquer laço de dependência (vale dizer, não eram agregados ou escravos) face a outros chefes de família ou ao chefe do domicílio.

(13) Também chamada, na literatura especializada, família nuclear, família elementar ou família biológica.

(14) Deve-se encarar, com reservas, as qualificações e hipóteses explicativas aqui expendidas, pois, faltam-nos estudos relativos a outras regiões e comunidades existentes no Brasil colonial, que nos permitiriam análise comparativa.

QUADRO 1

Famílias: Por Categoria e Sub-Categorias

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS
1. Independentes	a. do chefe de domicílio (C.D.); b. de filhos do C.D.; c. de parentes do C.D.
2. De Agregados	
3. De Escravos	
4. Pseudo Famílias	a. viúvos ou viúvas solitários; b. viúvos ou viúvas em vivência com filho(s) que constituíssem família; c. viúvos ou viúvas — agregados ou escravos — que não constituíssem família.

TABELA 1

Famílias Por Categoria e Sub-Categoria

(Vila Rica — 1804)

Categorias e sub-categorias	N.ºs absolutos	%	% por categoria
1.a	891	78,50	
1.b	70	6,18	
1.c	13	1,14	85,82
2	82	7,22	7,22
3	34	3,00	3,00
4.a	37	3,26	
4.b	4	0,35	
4.c	4	0,35	3,96
Total	1.135	100%	100%

Como se verifica, o peso relativo das famílias de agregados equilibra-se com o referente às de filhos e de parentes do chefe de domicílio. O percentual modesto explica-se pelo fator acima posto, aliado ao fato de predominarem, entre os agregados, indivíduos que não constituíam família.

Quanto aos escravos a própria precariedade das informações (15) aliada aos óbices colocados ao estabelecimento de famílias regulares de cativos aparecem como elementos explicativos do baixo peso relativo observado.

Com referência ao número médio de filhos com 20 ou menos anos, levada em conta a faixa etária do chefe de família, verificou-se existir pequena discrepância entre famílias independentes e de agregados. O mesmo não ocorreu com respeito às famílias de escravos que apresentaram marcada divergência vis-à-vis as duas categorias aludidas. As diferenças observadas devem-se, certamente, à taxa de mortalidade mais elevada para os filhos de cativos, à mais baixa esperança de vida para escravos em geral e ao fato de separarem-se, talvez, pais e filhos por motivo de transações a envolver cativos. Por outro lado, relativamente aos chefes de família com menos de 25 anos, verificou-se média mais elevada para cativos do que para livres, este diferencial explicar-se-ia pelo mais livre intercuro sexual entre os escravos.

TABELA 2

Número Médio de Filhos Com 20 ou Menos Anos Segundo a Faixa Etária do Chefe de Família
(Vila Rica — 1804)

Faixa etária do chefe de família	N.º médio de filhos			
	Independentes	Agregados	Livres	Escravos
menos de 25 anos	1,36	1,33	1,35	1,40
25—34	1,89	1,31	1,83	1,19
35—44	2,41	2,13	2,39	1,44
45—54	2,42	2,00	2,40	0,67
55—64	1,36	0,80	1,34	0,00
65 e mais anos	0,55	0,28	0,54	—

Obs.: Computados os filhos sobreviventes a viver com os pais.

Na Tabela 3 reunimos as famílias independentes e de agregados, consideramos a faixa etária do chefe de família e apresentamos o número de famílias com filhos vivos (número a variar de zero a sete e mais) a viver com o progenitor ou

(15) Raramente identificou-se, para a massa escrava, mães e filhos, o que nos impediu computar o número efetivo de famílias de escravos, observada a conceituação aqui adotada.

progenitores; note-se, ademais, que computamos os filhos com 20 ou menos anos de idade. Para efeito de análise os números aboslutos de cada linha foram transformados — Tabela 4 — em números proporcionais com total igualado a 1.000.

TABELA 3

Livres

(Vila Rica — 1804)

Faixa etária do chefe de família	Número de famílias a contar com filhos vivos com 20 ou menos anos (o número de filhos a variar de zero a sete e mais)									Número total de filhos das famílias
	0	1	2	3	4	5	6	7 e mais	Total	
Menos de 25 anos	7	41	20	5	1	—	—	—	74	100
25—34	42	73	57	30	24	7	3	1	237	433
35—44	46	73	45	22	42	18	8	14	268	641
45—54	57	43	36	21	24	9	6	21	217	521
55—64	65	27	17	9	6	7	5	1	137	184
65 ou mais anos	84	22	10	5	1	1	—	—	123	66
Total	301	279	185	92	98	42	22	37	1056	1945

TABELA 4

Número Proporcional de Famílias a Contar com Filhos Vivos com 20 ou Menos Anos

Faixa etária do chefe de família	Número de filhos vivos com 20 ou menos anos								Total
	0	1	2	3	4	5	6	7e mais	
Menos de 25 anos	94	554	271	68	13	—	—	—	1.000
25—34	177	309	241	126	101	29	13	4	1.000
35—44	172	272	168	82	157	67	30	52	1.000
45—54	263	198	166	97	110	41	28	97	1.000
55—64	474	197	124	66	44	51	37	7	1.000
65 ou mais anos	683	179	81	41	8	8	—	—	1.000

Teoricamente poder-se-ia esperar que a coluna relativa às famílias sem filhos apresentasse um ponto de mínimo intermediário (via de regra situado na faixa etária dos 35 aos 44 anos). Este movimento explica-se, de um lado, porque grande parcela de pais jovens não pode contar sequer com um filho e, por outro, pelo fato de que os progenitores mais idosos já não contam com filhos com vinte ou menos anos, observe-se que o mínimo esperado situar-se-ia na faixa de idade correspondente aos pais que já contariam um ou mais filhos. Conforme se observa nas tabelas em foco os dados empíricos não confirmaram esta expectativa. Este fato não parece decorrer exclusivamente de casamentos celebrados em idade relativamente baixa, mas, sobretudo, da substancial quantidade de mães solteiras que, ainda bem jovens, já tinham um ou mais filhos.

Estes mesmos fatores explicariam os elevados números proporcionais relativos às colunas referentes às famílias com um e dois filhos para a faixa etária dos chefes de família com menos de 25 anos. Já para as famílias com três ou mais filhos verificam-se pontos de máximo bem marcados, nestes casos valem razões explicativas análogas aos fatores teóricos acima anotados.

Os mesmos argumentos expendidos com respeito às famílias de livres valem para as de escravos conforme se infere das tabelas 5 e 6.

TABELA 5

Escravos

(Vila Rica — 1804)

Faixa etária do chefe de família	Número de famílias a contar com filhos vivos com 2 ou menos anos (o número de filhos a variar de zero a três e mais)					Número de filhos das famílias
	0	1	2	3 e mais	Total	
menos de 25 anos	—	3	2	—	5	7
25—34	3	8	4	1	16	19
35—44	2	2	2	3	9	13
45—54	1	2	—	—	3	2
55 ou mais anos	1	—	—	—	1	0
Total	7	15	8	4	34	41

TABELA 6

Escravos

Número Proporcional De Famílias A Contar Com Filhos Vivos Com 20 ou Menos Anos

Faixa etária do chefe de família	Número de filhos vivos com 20 ou menos anos				Total
	0	1	2	3 e mais	
menos de 25 anos	—	600	400	—	1.000
25—34	188	500	250	62	1.000
35—44	222	222	222	334	1.000
45—54	333	667	—	—	1.000
55 ou mais anos	1.000	—	—	—	1.000

Em tópico precedente já colocamos a definição de **Domicílio** adotada neste estudo; resta-nos, agora, caracterizar a entidade em tela quanto a categorias e sub-categorias. A partir do quadro conceitual de Peter Laslett e Jean-Claude Peyronnet (16) — cujas qualificações ao esquema proposto por Laslett endossamos plenamente — compusemos um universo categórico apropriado às condições sociais e econômicas do período colonial brasileiro. Destarte realçamos os domicílios nos quais aparecem escravos e/ou agregados — a constituir ou não famílias — e evitamos tomá-los como simples desdobramento de categorias a envolver indivíduos sem os laços de subordinação ou dependência apontados.

Por outro lado, adicionamos ao esquema original sub-categorias relativas aos celibatários com filhos; este **modus faciendi** nos impõe a realidade social brasileira do período em análise no qual era majoritário o grupo dos filhos naturais.

Alteração relevante — com respeito ao quadro de Laslett e refere-se à classificação dos domicílios — bem como das famílias que os compunham — em função do chefe de domicílio, fosse ou não chefe de família, vivesse ou não junto de seus progenitores ou com apenas um ascendente em linha direta (17).

Quanto às categorias e sub-categorias adotadas, furtamo-nos de descrição pormenorizada por entendermos ser auto-explicativo o quadro em que as dispusemos (18).

(16) LASLETT, P. — "La famille et le menage: approches historiques", in *Annales*, 27e. année, n.º 4-5 (número especial), julho/outubro de 1972, Armand Colin, pp. 847/872.

PEYRONNET, Jean-Claude — "Famille Élargie ou Famille Nucleaire? L'Exemple du Limousin au Début du XIXe. Siècle", in *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, tomo XXII, outubro/dezembro de 1975, Armand Colin, pp. 568/582.

(17) Esta modificação, por nós endossada, introduzida no esquema de P. Laslett aparece como a principal contribuição metodológica proposta por Jean-Claude Peyronnet (Cf. artigo citado).

(18) As dúvidas que porventura persistirem poderão ser esclarecidas com a simples leitura dos artigos acima citados.

QUADRO 2

Composição dos Domicílios: Categorias e Sub-categorias

Categorias	Sub-categorias	com agregados		com escravos		com escravos e agregados
		sem famílias	com famílias	sem famílias	com famílias	
1. Domicílios Singulares	a. viúvos solitários					
	b. solteiros sós ou pessoas sós com estado civil indeteminado.					
2. Domicílios sem estrutura familiar	a. irmãos c/ou irmãs, sem filhos, coabitantes;					
	b. Coabitantes aparentados (inclusive irmãs e irmãs);					
	c. coabitantes sem laços aparentes.					
3. Domicílios simples	a. casais;					
	b. casais em concubinato;					
	c. casais com filhos;					
	d. casais em concubinato, com filhos;					
e. homens solteiros com filhos;						
	f. mulheres solteiras c/ filhos;					
g. viúvos com filhos sem prole;						
h. viúvas com filhos sem prole;						

Categorias	Sub-categorias	Com agregados		Com escravos		Com escravos e agregados
		sem famílias	com famílias	sem famílias	com famílias	
4. Domicílio familiar ampliado	a. ascendente;					A s/fam. A c/fam. A s/fam. A e E
	b. descendente;					E s/fam. E s/fam. E c/fam. c/ fam.
	c. colateral;					
	d. ascendente e colateral;					
	e. descendente e colateral;					
	f. indeterminado.					
5. Domicílios múltiplos	a. núcleo secundário ascendente;					
	b. núcleo secundário descendente;					
	c. núcleos colaterais;					
	d. núcleos familiares de irmãos e/ou irmãs;					
	e. outros.					
6. Domicílios com estrutura indeterminada, comportando algum laço de parentesco entre seus componentes						

TABELA 7
 Composição dos Domicílios, por Categoria e Sub-categoria
 (Vila Rica — 1804)

Categorias e sub-categorias	s/ agregados e s/ escravos	Com Agregados		Com Escravos		A s/fam. A c/fam. E s/fam. E c/fam.	A s/fam. A c/fam. A s/fam. E c/fam.	A e E c/fam.	TOTAL
		sem famílias	com famílias	sem famílias	com famílias				
1a.	9	3	3	6	3	9	2	—	37
1b.	314	83	18	149	5	69	12	—	652
Total da Categoria 1	323	86	21	155	8	78	14	—	689
2a.	21	—	—	7	1	9	2	—	45
2b.	6	3	—	6	—	3	1	—	19
2c.	44	3	1	9	1	2	—	—	61
Total da Categoria 2	71	10	2	22	2	14	3	—	125
3a.	47	18	2	26	2	20	2	—	118
3b.	1	1	—	2	—	4	—	—	8
3c.	97	19	5	97	3	41	6	1	271
3d.	2	—	—	4	—	—	—	—	6
3e.	13	3	1	6	1	4	1	—	29
3f.	157	33	5	45	1	29	3	—	274
3g.	3	2	—	2	—	1	—	—	8
3h.	—	5	—	19	—	11	2	—	55
Total da Categoria 3	—	81	13	201	7	110	14	1	769

4a.	4	—	4	—	3	2	—	—	22
4b.	4	—	14	—	7	1	—	—	42
4b.	4	—	3	1	9	1	—	—	26
4c.	4	1	—	—	1	1	—	—	3
4d.	—	—	1	—	1	—	—	—	3
4e.	—	1	—	—	—	—	—	—	1
4f.	—	2	—	—	—	—	—	—	97
Total da Categoria 4	33	13	22	1	21	5	—	—	4
5a.	3	—	12	1	5	4	1	—	53
5b.	—	3	—	—	—	—	—	—	3
5c.	—	—	1	—	—	1	—	—	1
5d.	—	—	—	—	—	—	—	—	1
5e.	—	—	—	—	—	—	—	—	62
Total da Categoria 5	30	3	13	1	6	5	1	—	11
6. (Total)	5	194	415	19	231	41	10	1	1753
TOTAL	800								

TABLE 10
 Cattle and Buffalo Inventory, 1960

TABELA 9
Porcentagem de Domicílios com e sem Escravos

(Vila Rica — 1804)

Categorias de Domicílio	N.º total de domicílios	Domicílios sem escravos		Domicílios com escravos	
		N.ºs absolutos	%	N.ºs absolutos	%
1	689	430	62,4	259	37,6
2	125	83	66,4	42	33,6
3	769	432	56,2	337	43,8
4	97	48	49,5	49	50,5
5	62	36	58,1	26	41,9
6	11	7	63,6	4	36,4
Total	1753	1036	59,1	717	40,9

Verificou-se, por outro lado, que em 29,61% dos domicílios apareciam agregados. Ressaltou-se neste caso o grupo relativo aos domicílios familiares ampliados — 42,3% deles contavam com agregados; para as demais categorias encontramos percentuais bem inferiores e com pequena discrepância em torno de 29,0%. Exceção deve ser feita com referência à categoria 2, colocada em nítida inferioridade relativa (Cf. Tabela 10).

TABELA 10

Porcentagem de Domicílios com e sem Agregados

(Vila Rica — 1804)

Categorias de Domicílio	Domicílios sem agregados		Domicílios com agregados	
	N.ºs absolutos	%	N.ºs absolutos	%
1	486	70,5	203	29,5
2	95	76,0	30	24,0
3	546	71,0	223	29,0
4	56	57,7	41	42,3
5	44	70,9	18	29,1
6	7	63,6	4	36,4
Total	1234	70,39	519	29,61

Computados domicílios com escravos ou agregados chega-se à cifra de 54,42%. Vale dizer, mais da metade dos domicílios contavam com escravos ou agregados — 13,52% apenas com agregados, 24,81% só com escravos e 16,09% com ambos grupos em consideração.

Neste caso aparece com significativa importância relativa a categoria 4 (domicílio familiar ampliado), como ocorreu na situação acima analisada. Em posição

TABELA 11
Porcentagem de Domicílios com e sem Escravos ou Agregados
(Vila Rica — 1804)

Categorias de Domicílio	Domicílios sem escravos ou agregados		Domicílios com escravos ou agregados	
	N.ºs absolutos	%	N.ºs absolutos	%
1	323	46,9	366	53,1
2	71	56,8	54	43,2
3	338	44,0	431	56,0
4	33	34,0	64	66,0
5	30	48,4	32	51,6
6	5	45,5	6	54,5
Total	800	45,58	953	54,42

namento relativamente inferior situou-se a categoria 2 — domicílios sem estrutura familiar. Para as demais a discrepância apresentou-se de pouca monta com cifras pouco superiores a 50% (vide Tabela 11).

Em conclusão pode-se afirmar que — de acordo com o critério alternativo consubstanciado na presença de escravos e/ou agregados — a maioria dos domicílios em análise teria composição complexa. O grau de complexidade apresentar-se-ia mais marcado se considerados escravos e agregados; altamente significativo quando computados apenas os escravos (19) e menos relevante se considerados tão-somente os agregados.

(19) O número médio de escravos por categoria de domicílio — computados os domicílios que contavam com cativos — não apresentou grande variação (exclusive a categoria 6), conforme se infere dos valores abaixo indicados.

Número Médio De Escravos Por Domicílio, Segundo Categorias

CATEGORIAS DE DOMICILIO	N.º MÉDIO DE ESCRAVOS
1	3,52
2	4,45
3	3,68
4	4,45
5	4,54
6	10,27

Tomadas as categorias de domicílios e considerados os distritos que compunham Vila Rica, não se verificaram discrepância de monta com referência ao peso relativo de cada categoria no conjunto de unidades domiciliares dos seis distritos em pauta (Cf. Tabela 8).

Quanto ao número médio de pessoas por domicílio não se observam, igualmente, grandes divergências entre os distritos. Em média 5 pessoas por domicílio, número em torno do qual pouco variaram as cifras distritais (Cf. Tabela 12).

TABELA 12

Número Médio de Pessoas por Domicílio (Vila Rica — 1804)		
Distritos		Média
Antônio Dias		5,31
Ouro Preto		5,19
Alto da Cruz		4,53
Padre Faria		4,33
Morro		5,06
Cabeças		5,33
Vila Rica (Total)		5,06